



De maior produtor de gado à situação de carente

... ou como em menos de dois anos se passa de 71 mil mais de seis mil efectivos para pouco

Dom. 3/12/89

DEVIDO à intensificação das acções dos bandidos armados, do saque, contrabando e abate clandestino de gado registados durante os últimos meses, num ciclo que se repete desde há vários anos, a espécie bovina, no Posto Administrativo do Sábíe, distrito da Moamba, considerado outrora o principal criador de gado na província do Maputo, conhece actualmente os seus níveis mais baixos de sempre com fortes tendências para piorar, sobretudo se não forem adoptadas medidas urgentes e adequadas para contrariar a situação, incluindo o aumento de segurança militar na região e o controlo de abates indiscriminados e a limitação de circulação de animais e carne para a capital do país. Segundo a nossa Reportagem pôde observar no local, para além de numerosas quantidades daquela espécie que estão sendo dizimadas pelos efeitos da guerra, muitas cabeças desapareceram ou se tornaram selvagens, enquanto outras, errantes, morrem diariamente ao accionar minas espalhadas nos campos de pastagem. Numa recente incursão inimiga foram assaltados quatro currais privados, do que resultou o roubo de um número ainda não estimado de bovinos. A isto pode-se adicionar as 120 cabeças saqueadas nos princípios deste mês.

Estatísticas actuais fornecidas ao «Domingo» por fontes autorizadas, indicam que de um efectivo de cerca de 71 mil cabeças existentes em toda a região em 1987, esta ficou reduzida a 12 mil o ano passado e para menos de metade quase nos finais de 1989.

Para Pedro Luís, chefe da Secretaria do administrador substituto daquela localidade, situada a 37 quilómetros da vila da Moamba, o desrespeito pela propriedade alheia ou seja, o roubo de gado, começou logo nos primeiros anos após a Independência Nacional. De momento ninguém sabe ao certo qual é o número exacto da população bovina existente.

— Somente nos recordamos que esta localidade, durante vários anos, foi considerada pioneira na área de criação de gado, sobretudo cabritos e bois. Chegámos, até, a ultrapassar o distrito de Magde, mas devido à acção do banditismo armado, que obrigou a população a abandonar as aldeias, deixando muitas cabeças perdidas, e, por outro lado,

originado pelos já referidos abates não autorizados de gado, cuja carne é comercializada em situações ilegais na cidade de Maputo, a espécie bovina está seriamente afectada no Sábíe — frisou a nossa fonte. Sublinhou neste contexto que por mais que as condições de segurança da população venham a melhorar — será muito difícil recuperar os números anteriores, porque para além de o inimigo continuar a

lação que foi sacrificada — disse aquele responsável.

Entretanto, segundo o nosso interlocutor, no Sábíe nem tudo se encontra perdido. A nível militar em coordenação com os batalhões da força especial de protecção do Projecto Sábíe-Incomati e com o Comando Militar Provincial com sede na vila da Moamba, estão a ser tomadas algumas medidas para o restabelecimento da vida da po-

por Orlando Muchanga (texto)
e Armando Munguambe (fotos)

a «caça» aos currais, as cabeças abandonadas, nas aldeias destruídas, tornaram-se selvagens e perigosas, atacando qualquer proximidade do ser humano e são constantemente vítimas de minas. Tenho que dizer que de Junho para cá a situação militar da nossa localidade piorou. De Agosto até hoje, por exemplo, já sofremos nove ataques consecutivos e ainda não calculamos qual é a quantidade de popu-

pulação. Assim, de dia a situação aparenta estar normalizada. Somente a partir das quatro horas da tarde é que os trabalhadores dos projectos, assim como a população em geral, se refugia para as imediações da Barragem de Corruane — COBOCO.

Sobre o desaparecimento do gado bovino, o administrador substituto exprimiu a convicção de que caso não se contenha o ritmo de decré-

cimo dos efectivos pecuários, camilhamos para uma rápida extinção da espécie bovina, em coordenação com as estruturas veterinárias e pecuárias locais e a nível da província do Maputo, foram tomadas também algumas medidas para a preservação da espécie.

— Está proibida a saída de qualquer espécie de gado deste posto para a cidade-capital ou outros locais, para abates ou outros fins e, em caso de abates para alimentação local, apenas são autorizados para vacas acidentadas ou reconhecidas velhas e incapazes para a reprodução — sublinhou a fonte, tendo acrescentado que — já conseguimos travar o contrabando e abates clandestinos. Agora, o maior problema é o das minas que se encontram espalhadas pelos campos de pastagem e, talvez, começar a pensar, como voltar a domesticar os milhares de bovinos espalhados na floresta — disse.

Constituída por três localidades, designadamente, Matucanhane, Malengane e Rego ou sede, do Sábíe não se pode apenas falar de gado. A população, por exemplo, de 23 mil habitantes existentes até 1987, os recenseamentos actuais apontam para 11 340 pessoas agregadas em cerca de duas mil famílias, num total de 5191 homens e 6149 mulheres. Esta população está distribuída por quatro aldeias e dois bairros comunais, sem contar com a gente dos projectos Sábíe-Incomati e barragem da COBOCO, que possuem muitos trabalhadores provenientes de outras regiões, incluindo a capital do país.

— Há muitas aldeias que foram destruídas. A localidade de Matucanhane está totalmente abandonada. Com a actual situação inimiga, sem força destinada para defender exclusivamente a localidade, é muito difícil conter ou calcular o movimento da população — juntou o nosso interlocutor.

Pedro Luís, depois de informar que a vila do Sábíe actualmente não possui nenhum estabelecimento comercial porque as quatro lojas então existentes foram saqueadas e/ou destruídas pelos bandidos armados, sublinhou que em termos de comércio a única casa que ainda abre as suas portas, duas vezes por semana, é o talho. Do resto, cada comerciante despacha a mercadoria na sua residência. A Administração fiscaliza os preços tabelados superiormente e controla a venda dos produtos, esclareceu.

Adiantou, no entanto, que apesar do comércio local ter praticamente «morrido», nunca tem havido grandes problemas, porque a alimentação básica da população local é o milho, o feijão, a batata-reno e doce, a mandioca e outros produtos extraídos da machamba. Nas cantinas, o que a gente precisa é sal, óleo e sabão, por vezes, roupas das «calamidades». O resto sai da terra. Neste momento estamos em época de colheita da campanha agrícola 89/90, recordou a fonte.

Informou, por outro lado, que este ano todos os sectores agrícolas — produtivos, nomeadamente familiar, cooperativo, estatal e privado, cultivaram cerca de 690 hectares à razão de 18 toneladas de produção de milho. Em termos gerais, tomando em conta o terreno cultivado e o número da população activa existente ou o esforço que apesar da acção da guerra foi empreendido, a produção colhida este ano foi bastante fraca. Trabalhou-se 209 hectares de feijão-verde e colheu-se apenas uma tonelada. Numa área de 64 hectares tirou-se sete toneladas. As hortícolas ocuparam um terreno de mais de mil hectares, o que resultou em 124

toneladas, revelou o nosso entrevistado. Salientou ainda que apesar destes números irrisórios da produção campesina e do desaparecimento da rede do sistema de abastecimento em géneros de primeira necessidade, devido ao fraco poder de compra da população local e também da «caça» ao lucro fácil por alguns agricultores privados desonestos, a maior parte da produção foi escoada para a cidade de Maputo.

— Temos 87 agricultores privados ocupando uma área de 30, 100 e 300 hectares cada. Alguns possuem tractores, outros instrumentos auxiliares e sistemas de rega modernizados. Mas também pouco conseguiram produzir. Existiam, até princípios deste ano, sete cooperativas agrícolas, cinco das quais foram destruídas, restando apenas duas em funcionamento. Também existe uma associação de camponeses que presta assistência técnica nas actividades agro-pecuárias que, por sua vez, tem sofrido consistentemente as acções dos BA's — disse Pedro Luís.